

DA QUANTIDADE E QUALIDADE DA FORÇA SEGUNDO A FILOSOFIA DE NIETZSCHE

THE QUANTITY AND QUALITY OF FORCE
ACCORDING TO THE PHILOSOPHY OF NIETZSCHE

Pricilla Buzzachera *

RESUMO: Pretendemos com este artigo abordar a noção de força segundo a filosofia de Friedrich Nietzsche, a partir de sua quantidade e, também, daquilo que de fato a diferencia: a sua qualidade. Sendo, sua qualidade, denominada pelo filósofo alemão como Vontade de Poder. Para Nietzsche, pensar as forças apenas por sua quantidade seria, reduzi-las aos efeitos da mecânica. Desse modo não haveria uma forma particular de sua expressão e essa particularização surge daquilo que foi amplamente discutido pelo filósofo francês Gilles Deleuze como a qualidade da força.

ABSTRACT: The aim of this article is to approach the notion of Force according to the philosophy of Friedrich Nietzsche, in its Quantity and its Quality. Named by the German philosopher as the Will of Power. As to Nietzsche, if we think about force solely in terms of its Quantitative sense, we will be reducing it to its Mechanic effects. Hence there will not be a particular form for its expression and this particularization emerges from what had been widely discussed by the French philosopher Gilles Deleuze as the quality of force .

PALAVRAS-CHAVE: Nietzsche. Gilles Deleuze. Força. Vontade de Poder.

KEYWORDS: Nietzsche. Gilles Deleuze. Force. Will Power.

Friedrich Nietzsche aponta sua filosofia para uma direção que sugere novas possibilidades de pensar e discutir antigos conceitos a partir de novas perspectivas. Deste modo, propõe novos sentidos e valores para diversos campos da reflexão humana. Entre estes conceitos re-elaborados, destacamos a noção de força, tema principal de nosso texto. Em importantes obras o filósofo Gilles Deleuze e o comentador Wolfgang Müller-Lauter também discutiram com afincos esta temática. Por esse motivo teremos igualmente os referidos estudiosos como principais comentadores deste trabalho.

* Mestranda em Filosofia – PUCPR. Contato: pricillabuzzachera@yahoo.com.br

Ao falarmos sobre um sentido ou sobre um valor em qualquer tipo de fenômeno, no âmbito da filosofia nietzscheana, necessariamente apontamos às forças que estão envolvidas e articuladas neste fenômeno, isto é, aquelas que se expressam, dominam e se sobressaem. Deste modo, com base em Nietzsche, Deleuze afirma, que “não existe quantidade de realidade, qualquer realidade é já quantidade de força¹”. Assim, é a expressão da força que muda o sentido de um fenômeno, seja humano, biológico ou até mesmo físico. Para Nietzsche a quantidade de força em sua multiplicidade deve ser levada em consideração, em todo e qualquer fenômeno da força, tanto na esfera orgânica quanto na inorgânica.

Nietzsche considera o orgânico como sendo a especialização do inorgânico pela complexidade em sua manifestação. Mas, assim como o orgânico, a esfera inorgânica também está envolvida por forças. Ora, se o orgânico é a especialização do inorgânico, temos que para este também haja confrontos, de modo a estabelecer conflito, resistência, domínio, uma aparente estabilização - característica própria do após confronto - até o momento que surjam novos conflitos. Assim, o jogo entre as forças é incessante, tanto no que se refere ao inorgânico quanto ao orgânico.

Müller-Lauter aponta para a necessidade de refletir se de fato é possível falar em distintos âmbitos – orgânico e inorgânico – na filosofia nietzscheana, já que para Nietzsche os organismos² estão em constante alternância de luta, domínio e estabilização:

[...] Que Nietzsche não traça nenhuma fronteira entre “os mundos”, isso se mostra mesmo onde ele – da maneira problemática já mostrada – fala da particularidade do “perceber inorgânico”. Aí se fala da “transição do mundo do inorgânico ao do orgânico”. Quando ele, uma vez, concebe o orgânico como especialização do inorgânico, e, uma outra vez, considera que não haveria nenhum mundo inorgânico, aqui reside, então, apenas aparentemente um paradoxo³.

Todavia há uma diferença ontológica entre as forças. De acordo com a perspectiva de Gilles Deleuze, esta diferença tornar-se-á o elemento fundamental daquilo que distingue uma força da outra.

A dinâmica de conflito entre as forças, por sua vez, ocasiona a mudança de sentido do fenômeno e atribui novas formas de interpretação. Nestas proporções há de se considerar uma

¹ DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução Antônio M. Magalhães. Porto: RÉS, s/d, p.62.

² Segundo a perspectiva de Müller-Lauter, - e de modo sintético-, o mundo para Nietzsche é um conjunto de múltiplos organismos, que permanecem em constante conflito, em contínua alternância entre caos e ordem, sugerindo, vez ou outra, aparentes estabilizações.

³ MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *A Doutrina da Vontade de Poder em Nietzsche*. Tradução Oswaldo Giacóia Júnior. São Paulo: Annablume, 1997, p.119.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 225-238
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

multiplicidade de configurações de forças e de ajustes dados pelas forças envolvidas em qualquer ação.

Assim, para se compreender melhor a filosofia de Nietzsche, segundo a perspectiva deleuziana, é fundamental pensá-la aprofundando seu caráter de multiplicidade. Ainda que diga respeito a uma singularidade, considerar-se-á a multiplicidade de forças agindo num evento singular. Deleuze aponta que “não existe um acontecimento, um fenômeno, uma palavra ou um pensamento cujo sentido não seja múltiplo⁴.” E neste múltiplo de possibilidades as forças estão sempre presentes nas diferentes configurações e modos de expressão. Ora, caso as forças pudessem ser reduzidas às medidas e aos números, teríamos aquilo que o meio científico propõe sob normas rígidas e constatações. Contudo, Nietzsche, segundo aponta Deleuze, teria questionado o fato de a ciência ter submetido os valores às medidas e aos números, numa metodologia estritamente científica. “Todos os outros valores são preconceitos, ingenuidades, mal-entendidos⁵.” Para Nietzsche a pluralidade de interpretações⁶, parece ser um caminho óbvio para pensar e criar novos conceitos e valores. Propõe a idéia de que existem incontáveis possibilidades de interpretações no mundo:

[...] Mas penso que hoje, pelo menos, estamos distanciados da ridícula imodéstia de decretar, a partir de nosso ângulo, que somente dele pode-se ter perspectivas. O mundo tornou-se novamente “infinito” para nós: na medida em que não podemos rejeitar a possibilidade de que ele encerre infinitas interpretações⁷.

Neste sentido, também Müller-Lauter nos afirma que:

[...] o mundo, concebido como soma de forças, seria uma interpretação perspectiva do mundo, ao lado de inúmeras outras, [...] sob esse critério fica colocada a “infinita interpretabilidade (*Ausdeutbarkeit*) do mundo”. Nele deve fazer prova de si “toda interpretação (*Ausdeutung*) como um sintoma de crescimento ou de declínio⁸.”

⁴ DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução Antônio M. Magalhães. Porto: RÉS, s/d, p.09.

⁵ DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução Antônio M. Magalhães. Porto: RÉS, s/d, p.67.

⁶ As expressões das forças são sempre novas possibilidades de interpretação. A filosofia nietzscheana estende seu olhar para uma multiplicidade de possibilidades que trata do sentido de um evento e seus valores. Aponta Deleuze que: “[...] toda a interpretação é determinação do sentido de um fenômeno. O sentido consiste precisamente numa relação de forças, segundo a qual algumas *agem* e outras *reagem* num conjunto complexo e hierarquizado”. Cf.: DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução Antônio M. Magalhães. Porto: RÉS, s/d, p.21.

⁷ NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 278 – af. 347.

⁸ MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *A Doutrina da Vontade de Poder em Nietzsche*. Tradução Oswaldo Giacóia Júnior. São Paulo: Annablume, 1997, p.126.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 225-238
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

Como vimos, a filosofia nietzscheana enfatiza as diferentes formas de interpretação, portanto não existem verdades de valor absoluto, a verdade se constrói pelas forças em atuação num dado momento. Sendo assim, a força junto à verdade que se constitui a partir dela, muda no seu próprio devir.

Esta distinção entre as forças se dá, justamente, pelo reconhecimento de que não podem ser consideradas exclusivamente em termos de quantidade. Se assim o fosse as forças não passariam de expressões de uma mecânica geral. Ao citar Nietzsche, Deleuze aponta: “A concepção mecanicista pretende admitir só quantidades, mas a força reside na qualidade; o mecanicismo só pode descrever fenômenos, não os esclarece⁹.” Enfim, a teoria mecanicista é para Nietzsche a manifestação de um tipo de interpretação limitada que impossibilita qualquer análise de cunho particular e singular em torno do movimento das forças. Pelos *Fragments Postumos* (1992), escritos entre o outono de 1885 e o outono de 1886, temos a comprovação do que dissemos: “Concepção mecanicista: não quer senão quantidades: mas a força está na qualidade: a mecânica, portanto, tão somente pode descrever processos, não explicá-los¹⁰.”

No entanto, o filósofo não nega que as forças são determinadas, também por uma quantidade, por um *quantum* de força durante uma ação. Explica Nietzsche que “um *quantum* e força equivale a um mesmo *quantum* de impulso, vontade, atividade – melhor, nada mais é senão este mesmo impulso, este mesmo querer e atuar [...]”¹¹.

Um *quantum* diz respeito a uma quantidade de força que pode ser perdida ou ampliada, não tem as propriedades de um ente. Ele surge exatamente no momento de uma

⁹ DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução Antônio M. Magalhães. Porto: RÉS, s/d. p. 67. Cf. Deleuze, o movimento mecanicista do século XIX, apresenta-se sob diversas abordagens científicas desde a biologia à física, como tentativa de explicar o mundo a partir de sua perspectiva. A crítica dirigida a esta forma de verificação do mundo está em ser demasiadamente reducionista. Para Nietzsche essa idéia é desprovida de sentido, nos diz o filósofo sobre os mecanicistas que defendem essa perspectiva: “Uma interpretação do mundo ‘científica’, tal como a entendem, poderia então ser uma das *mais estúpidas*, isto é, das mais pobres de sentido de todas as possíveis interpretações do mundo: algo que digo para o ouvido e a consciência de nossos mecanicistas, que hoje gostam de misturar-se aos filósofos e absolutamente acham que a mecânica é a doutrina das leis primeiras e últimas, sobre as quais toda a existência deve estar construída, como sobre um andar térreo. Mas um mundo essencialmente mecânico seria um mundo essencialmente *desprovido de sentido*! Suponha-se que o *valor* de uma música fosse apreciado de acordo com o quanto dela se pudesse contar, calcular, pôr em fórmulas – como seria absurda uma tal avaliação ‘científica’ da música! O que se teria dela apreendido, entendido, conhecido? Nada, exatamente nada daquilo que nela é de fato ‘música’!...” NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 278 – af. 347.

¹⁰ NIETZSCHE, Friedrich. *Fragments Postumos*. Traducción Germán Meléndez Acuña. Bogotá: Editorial Norma S.A., 1992, p.147. Todas as traduções dos Fragmentos Postumos foram feitas por nós. Segundo o texto original: “‘Concepción mecanicista’: no quiere sino cantidades: pero la fuerza radica en la cualidad: la mecánica, por tanto, tan sólo puede describir procesos, no explicarlos.”

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 225-238
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

dada ação, quando em contraposição a outro *quantum*, ou ainda, *quanta* de força. Se fosse válido pensar o ser como algo estável, encontraríamos aqui a oposição ao *quantum* de força, visto que este se configura de uma forma múltipla e dinâmica, nunca é estável. Ora, por considerarmos, sob esta perspectiva, que tudo é expressão de forças, seria impensável conceber qualquer tipo de evento sob uma condição de estabilidade. Um *quantum* de força é algo que age sobre outro *quantum* de força.

Apontamentos do professor Antonio Edmilson Paschoal nos esclarecem que:

Um *quantum* não é algum tipo de matéria ou qualquer coisa que corresponda à idéia de “ser” (Dasein), mas algo que pode ser designado como “quantidade de ação”, “força em ação”. Um quantum não remete a algo que permaneceria após a desagregação de uma unidade anteriormente dada e que, juntamente com outros *quanta*, se reagregaria, formando outros corpos¹².

Uma quantidade de força sempre se põe diante de outra quantidade de força e quando estas entram em conflito, o resultado será uma nova configuração das forças que permaneceram em luta. Ainda, segundo o professor: “As forças somente são perceptíveis no momento do seu atuar no jogo, em contraposição a outras forças. Pode-se dizer que somente nesse momento elas ‘são’¹³.” Este jogo entre forças se repete confronto após confronto. Não há possibilidade de inércia, ou seja, não há possibilidade de um estado de repouso quando falamos sobre forças, nem de uma configuração organizada e estável a não ser de um equilíbrio momentâneo ou provisório, pois quando a força surge, surge com ela a sua dinâmica.

Esta concepção de forças se afasta totalmente da idéia de que estas possuam uma natureza física e, enquanto tal, possível de ser medida. Pelo contrário, trata-se de uma ação configurada por uma permanente diferenciação de *quanta*, e neste jogo a meta final é obter mais poder.

¹¹ NIETSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 36 – I af. 13.

¹² PASCHOAL, Antonio Edmilson. *A Dinâmica da Vontade de Poder como proposição Moral nos escritos de Nietzsche*. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciência Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob orientação do Prof. Dr. Oswaldo Giacóia Júnior. Campinas (SP), 1999, p.52.

¹³ PASCHOAL, Antonio Edmilson. *A Dinâmica da Vontade de Poder como proposição Moral nos escritos de Nietzsche*. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciência Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob orientação do Prof. Dr. Oswaldo Giacóia Júnior. Campinas (SP), 1999, p.53.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 225-238
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

Todas essas afirmações acerca da quantidade da força nos remetem a reflexões acerca das diferenças existentes entre os *quanta* de força. Segundo a perspectiva de Deleuze, temos que:

[...] Se uma força não é separável da sua quantidade, também não é separável das outras forças com as quais está em relação. *A própria quantidade não é, portanto separável da diferença de quantidade.* A diferença de quantidade é a essência da força, a relação da força com a outra força. [...] A qualidade distingue-se da quantidade, mas apenas porque é o que há de inegualizável na quantidade, de impossível de anular na diferença de quantidade. A diferença de quantidade é, portanto, num sentido o elemento irreduzível *da* quantidade, num outro sentido o elemento irreduzível *à* própria quantidade. A qualidade não é outra coisa senão a diferença de quantidade, e corresponde-lhe a cada força em relação¹⁴.

É, portanto, justamente a diferença da quantidade das forças que aponta para o seu mais importante fundamento – a qualidade. Assim, a diferença de quantidade da força se referencia na potência que existe nela mesma. Cada força se expressa com uma quantidade de potência que é diferente de outra força, mas, o que diferencia a quantidade de potência não é nada mais a não ser a qualidade, ou seja, o diferencial qualitativo. Esta é, especificamente, a perspectiva que a leitura de Gilles Deleuze aponta como decisiva. É a qualidade das forças que proporciona a elas uma propriedade distinta, e que possibilita que sejam entendidas e reconhecidas por uma configuração dinâmica.

Neste sentido as forças revelam aquilo que as constitui em sua natureza mais íntima, seja qual for seu signo ou sentido. Conforme Deleuze “As forças possuem uma quantidade, mas possuem também a qualidade que corresponde à sua diferença de quantidade: activo e reactivo são as qualidades da forças¹⁵.” Verificamos, portanto, que não se trata apenas de quantidades de forças, mas também de qualidade e tipologia, ou seja, um tipo de força que se releva distinta em quantidade e qualidade.

Em seus escritos, Nietzsche aponta a qualidade das forças como fortes e fracas. Enquanto Deleuze se refere a elas qualificando-as como ativas e reativas. Os termos empregados por Deleuze percorrem toda a sua obra, assentando-se na afirmação de que Nietzsche teria utilizado esses termos para se referir às forças. Esta foi uma das grandes discussões promovidas pelos estudos nietzscheanos: de que o filósofo alemão nunca teria

¹⁴ DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução Antônio M. Magalhães. Porto: RÉS, s/d, pp. 67- 68.

¹⁵ DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução Antônio M. Magalhães. Porto: RÉS, s/d, p.67.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 225-238
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

descrito as forças como ativas e reativas¹⁶, assim como afirma Deleuze. De qualquer sorte, para os dois âmbitos de explanação é possível relacionar as forças: forte e ativa, como sendo aquelas que pertencem ao universo da afirmação, do domínio, do modo de ser do senhor e do superior, enquanto que a outra forma, fraca e reativa, pertence ao campo da negação, do ser dominado, do ser escravo e inferior.

A força aqui designada como forte, ativa, tem sua origem na afirmação, ela reconhece a sua diferença e a afirma. O grau de consciência desse tipo de força é diferente da consciência que um tipo fraco tem. A força entendida aqui como fraca, reativa, se funda pela negação, por uma consciência inferior de si. Como Deleuze afirma: “[...] o que é ‘sim’ do ponto de vista das forças activas torna-se ‘não’ do ponto de vista das forças reactivas, o que é afirmação de si torna-se negação do outro¹⁷.” E ainda, as expressões fracas, reativas, da força não reconhecem em si esta origem, esta diferença, não aceitam essa efígie inferior. Deleuze acentua que:

O que Nietzsche chama nobre, elevado, senhor, é: quer a força activa, quer a vontade de afirmação. O que ele chama mesquinho, vil, escravo, é: quer a força reactiva, quer a vontade negativa. [...] Mas um valor possui sempre uma genealogia, da qual dependem a nobreza ou a vileza daquilo que nos convida a crer, a sentir e a pensar¹⁸.

O valor da expressão de uma força superior é diferente do valor que expressa uma força fraca. Neste sentido, o valor de um valor deriva da origem que envolve as forças. As diferentes direções são determinadas por uma origem distinta de valores. Verificamos nos *Fragmentos Póstumos (1992)* da primavera de 1884, que Nietzsche faz várias considerações sobre os valores e suas relações. Entre elas temos que:

Todas as valorações são a resultante de determinadas quantidades de força e do grau de consciência que se têm delas: são leis de distintas perspectivas de acordo com a essência de um homem ou um povo – o que é próximo, importante, necessário, etc¹⁹.

A discussão em torno da problemática dos valores é um ponto crítico na filosofia de Nietzsche. Este conjunto de conceitos exige uma análise que pondere sobre a origem dos

¹⁶ Estas considerações foram apontadas por: MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *A Doutrina da Vontade de Poder em Nietzsche*. Tradução Oswaldo Giacóia Júnior. São Paulo: Annablume, 1997.

¹⁷ DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução Antônio M. Magalhães. Porto: RÉS, s/d, p.85.

¹⁸ DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução Antônio M. Magalhães. Porto: RÉS, s/d, p.84.

¹⁹ NIETZSCHE, Friedrich. *Fragmentos Póstumos*. Traducción Germán Meléndez Acuña. Bogotá: Editorial Norma S.A., 1992, p.125. Cf. original: “Todas las valoraciones son resultado de determinadas cantidades de

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 225-238
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

valores e suas expressões. A professora Scarlett Marton indica que: “A noção nietzschiana de valor opera uma subversão crítica: ela põe de imediato a questão do valor dos valores e esta, ao ser colocada, levanta a pergunta pela criação dos valores²⁰.” Considerando essa afirmação, não é suficiente reconhecê-los a partir de sua manifestação, é preciso que se investigue aquilo que originalmente cria e sustenta um valor.

É possível perceber, a partir de indicações, o apelo que Nietzsche faz aos filósofos quando se refere à importância da análise acerca dos valores. Cabe a eles não apenas a investigação da origem dos valores, mas também a criação de novos valores. Infere o filósofo:

[...] Talvez seja indispensável, na formação de um verdadeiro filósofo, ter passado alguma vez pelos estágios em que permanecem, em que têm de permanecer os seus servidores, os trabalhadores filosóficos; talvez ele próprio tenha que ter sido crítico, cético, dogmático e historiador, e além disso poeta, colecionador, viajante, decifrador de enigmas, moralista, vidente, “livrepensador” e praticamente tudo, para cruzar todo o âmbito dos valores e sentimentos de valor humanos e poder observá-lo com muitos olhos e consciências, desde a altura até a distância, da profundidade à altura, de um canto qualquer à amplidão. Mas tudo isso são apenas precondições de sua tarefa: ela mesma requer algo mais – ela exige que ele crie valores²¹.

Por conseguinte, podemos considerar que qualquer modo simplificado de reconhecer um valor na sua expressão pode ser perigoso e prematuro, visto que é preciso investigar um valor desde seu aparecimento, desde aquilo que o constitui como valor.

Deleuze destaca que “Nietzsche insurge-se simultaneamente contra a elevada idéia de fundamento que deixa os valores indiferentes à sua própria origem, e contra a idéia de uma simples derivação causal ou de um simples começo, que postula uma origem indiferente aos valores²².” Há de se ter certa distância, um *phatos* de distância, estar na situação, mas olhar a distância para ela, de modo que os valores criados e carentes de investigação possam ser vislumbrados ao ponto que se retire o Véu de Maia²³, e assim se verifique o que resta, possibilitando a criação de novos valores.

Enfim, segundo a interpretação deleuziana, para Nietzsche a questão que envolve a problemática sobre os valores deve ser levada em consideração desde o ponto de vista “do que

fuerza y del grado de conciencia que se tiene de ellas: son leyes perspectivistas de acuerdo con la esencia de un hombre o un pueblo – lo que es cercano, importante, necesario, etc”.

²⁰ MARTON, Scarlett. *Nietzsche: a transvaloração dos valores*. 2ª. Ed. São Paulo: Moderna, 2006, p.43.

²¹ NIETZSCHE, Friedrich. *Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2005, p. 105.

²² DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução Antônio M. Magalhães. Porto: RÉIS, s/d, p.07.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 225-238
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

e como” se origina determinado valor que é dado aos valores. Nesta mesma perspectiva Deleuze contribui concluindo que “o elevado e o baixo, o nobre e o vil não são valores, mas representam o elemento diferencial donde deriva o próprio valor dos valores²⁴.” Assim, sejam expressões de forças superiores ou inferiores, elas nunca são separáveis daquilo que as constituem, suas quantidades e qualidades. Elementos considerados indissociáveis pela filosofia nietzscheana, de acordo com a leitura deleuziana. No entanto, é a qualidade da força que marca seu diferencial, apontado por Nietzsche como atributo interno das forças, responsável pela sua particularização. A isso Nietzsche designou Vontade de Poder. Conclui Deleuze que: “A Vontade de poder é, portanto atribuída à força, mas de um modo muito particular: é simultaneamente um complemento da força e qualquer coisa de interno²⁵.” Lembremos que a força está sempre em relação com outra força, por isso torna-se lícito pensar em um atributo qualitativo e, portanto, diferencial.

Seguimos pela análise de Deleuze:

É isso a vontade de poder: o elemento genealógico da força, simultaneamente diferencial e genético. A vontade de poder é o elemento de onde dimanam simultaneamente a diferença de quantidade das forças postas em relação e a qualidade que, nessa relação, marca cada força. [...] a vontade de poder, com efeito, nunca é separável de tais ou tais forças determinadas, das suas quantidades, das suas qualidades, das suas direções; nunca superior às determinações que opera numa relação de forças, sempre plástica e em metamorfose²⁶.

É a Vontade de Poder que caracteriza uma força naquilo que ela tem de desigual e singular. E ainda, “nossas valorações determinam que coisas aceitamos em absoluto e *como* as aceitamos. Estas valorações são inspiradas e reguladas por nossa vontade de poder²⁷.” Deleuze também aponta que: “[...] O conceito de força é, portanto, em Nietzsche, o de uma força que se relaciona com outra força: sob este aspecto, a força chama-se uma vontade. A Vontade (Vontade de Poder) é o elemento diferencial da força²⁸.” Neste contexto os valores se revelam durante a ação de uma força, quando frente a frente o confronto se estabelece em luta

²³ Para a religião Hindu, de origem Indiana, o Véu de Maia se coloca entre o homem e os objetos, impedindo-o de ver claramente a verdade dos fenômenos. Este termo faz alusão ao mito da caverna escrito por Platão no livro VII da obra *A República*, atualmente publicada por várias editoras.

²⁴ DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução Antônio M. Magalhães. Porto: RÉS, s/d. p.06.

²⁵ DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução Antônio M. Magalhães. Porto: RÉS, s/d. p.76.

²⁶ DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução Antônio M. Magalhães. Porto: RÉS, s/d. p.76, p.77-78.

²⁷ NIETZSCHE, Friedrich. *Fragmentos Póstumos*. Traducción Germán Meléndez Acuña. Bogotá: Editorial Norma S.A., 1992. p.128. Segundo o texto original: “Nuestras valoraciones determinan qué cosas aceptamos en absoluto y cómo las aceptamos. Estas valoraciones son inspiradas y reguladas por nuestra voluntad de poder.”

²⁸ DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução Antônio M. Magalhães. Porto: RÉS, s/d. p.13.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 225-238
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

e se mantém até o momento que uma Vontade de poder subjuga a outra, ampliando seu domínio²⁹. Mas, como dissemos, esse aparente “repouso” é perturbado constantemente pelo movimento frenético e caótico das forças. Vontade de Poder é, portanto, o qualitativo no seio do quantitativo. E ainda, segundo Nietzsche, há na Vontade de Poder um querer.

Assim encontramos nos apontamentos da Professora Scarlett Marton que, de acordo com Nietzsche, em cada vontade há um pensamento que orienta, um sentimento que se expressa e, além do pensar e do sentir intrínseco à vontade, há um afeto que comanda. “[...] Não só querer, mas também o sentir e o pensar estão disseminados pelo organismo; a relação entre eles é de tal ordem que, no querer, já se acham embutidos o sentir e o pensar, de modo que pensamento, sentimento, e vontade aparecem como indissociáveis³⁰.” Confirmado por Nietzsche:

Portanto, assim como sentir, aliás, muitos tipos de sentir, deve ser tido como ingrediente do querer, do mesmo modo, e em segundo lugar, também o pensar: em todo ato da vontade há um pensamento que comanda; - e não se creia que é possível separar tal pensamento do “querer”, como se então ainda restasse vontade! Em terceiro lugar, a vontade não é apenas um complexo de sentir e pensar, mas, sobretudo um afeto: aquele afeto do comando³¹.

²⁹ Por esta via de análise, Gilles Deleuze nos convida a pensar sobre a importância da questão em torno da natureza das forças, e do modo como elas se expressam. Testemunhamos o deslocamento, desde uma vontade que se afirma como sendo o fundamento da vida, segundo Schopenhauer, àquela que só existe por meio das forças e sua relação, segundo nos mostra a filosofia nietzscheana. Deste ponto emana uma nova tese filosófica acerca da vontade, diferente das filosofias que com anterioridade discutiram este tema e, em particular a de Schopenhauer, Nietzsche propõe um novo olhar. Embora em sua juventude, o filósofo alemão tenha lido e se entusiasmado pela obra *O mundo como vontade e como representação* (SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação: 1º. Tomo*. Tradução, apresentação, notas e índices Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2005.) ele aponta que Schopenhauer “fez apenas o que os filósofos costumam fazer: tomou um preconceito popular e o exagerou.” (NIETZSCHE, Friedrich. *Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2005. p. 22 – af 19) Na filosofia nietzscheana a vontade não pode ser vista como algo totalmente conhecido e desvendado. O filósofo vê a vontade com uma complexidade mais densa do que propõe Schopenhauer. A partir de uma pluralidade, inexistente na filosofia schopenhauriana, ao menos no que se refere à Vontade enquanto coisa-em-si. Esclarece-nos Nietzsche no apontamento escrito na primavera de 1888: [...] meu princípio é: a vontade, tal como a tem concebido a psicologia até nossos dias, é uma generalização injustificada, esta vontade não existe em absoluto; em lugar de conceber a conformação de uma única vontade determinada em muitas formas, se há anulado o caráter da vontade ao subtrair-lhe o conteúdo, o “para onde?” (1992, p. 160) Cf. Texto original: “[...] mi principio es: que la voluntad, tal como la ha concebido la psicología hasta nuestros días, es una generalización injustificada, que esta voluntad no existe en absoluto, que en lugar de concebir la conformación de una única voluntad determinada en muchas formas, se ha anulado el carácter de la voluntad al sustraérsele el contenido, el ‘¿a dónde?’” (NIETZSCHE, Friedrich. *Fragmentos Póstumos*. Traducción Germán Meléndez Acuña. Bogotá: Editorial Norma S.A., 1992.)

³⁰ MARTON, Scarlett. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Brasiliense, 1990, p.32.

³¹ NIETZSCHE, Friedrich. *Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2005, p.23 – af 19.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 225-238
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

Em sequência a esta reflexão, encontramos a seguinte afirmação de Nietzsche:

A denominada liberdade da vontade é, em essência, o sentimento de superioridade com relação a quem tem que obedecer: “eu sou livre, ele tem que obedecer” – esta consciência se encontra alojada em toda vontade e precisamente aquela tensão da atenção, aquele olhar claro que se põe em foco numa só coisa, aquela valoração excludente “agora há necessidade disso e não de outra coisa”, aquela certeza interna de que se obedece; tudo isto forma a parte do estado de quem manda. Um homem que quer –, ordena a um algo dentro de si que obedece ou que acredita que obedecerá³².

A vontade não é prisioneira de um sistema fisiológico. Entendemos aqui por sistema fisiológico todos os sentidos e movimentos do corpo humano. É aquilo que acompanha, mas que não a reduz em si. Em cada ato da vontade encontramos um movimento fisiológico que se desdobra em sua direção e expressa o sentimento que envolve a ação que ordena e a que obedece. Assim se revela, também, a multiplicidade das forças no corpo. “Um homem que quer – comanda algo dentro de si que obedece, ou que ele acredita que obedece³³.” Por conseguinte, compreendemos que é a vontade que atua sobre o sistema fisiológico. “‘Vontade’, é claro, só pode atuar sobre ‘vontade’ – e não sobre ‘matéria’ (sobre ‘nervos’, por exemplo)”³⁴. Em toda vontade de mando que percorre o organismo encontram-se obstáculos, barreiras, oposições, uma multiplicidade de informações, ou como se refere Nietzsche, “[...] nosso corpo é apenas uma estrutura social de muitas almas³⁵”, que defronte à vontade resistem, entretanto acabam por submeter-se aquela que se revela superior. Conforme Deleuze:

Quiçá, este seja o ponto de rompimento entre Schopenhauer e Nietzsche no que se refere ao conceito VONTADE, enquanto o primeiro revela a vontade como sendo uma unidade do querer sabido pelo homem, Nietzsche defende o postulado da multiplicidade da vontade em todo organismo e, além disso, algo que não é possível saber-se tão claramente. Trata-se de um conceito não dissociado de um pensamento e sentimento, justamente nisso se assenta toda sua complexidade. “A vontade é dita uma coisa complexa porque, enquanto

³² NIETZSCHE, Friedrich. *Fragments Póstumos*. Traducción Germán Meléndez Acuña. Bogotá: Editorial Norma S.A., 1992. p.136. Cf. texto original: “La denominada libertad de la voluntad es, en esencia, el sentimiento de superioridad con relación a quien tiene que obedecer: “yo soy libre, el tiene que obedecer” – esta conciencia se encuentra alojada en toda voluntad y precisamente aquella tensión de la atención, aquella mirada clara que se pone en mira una sola cosa, aquella valoración excluyente “ahora hay necesidad de esto y no de otra cosa”, aquella certeza interna de que se obedece, todo esto forma parte del estado de quien manda. Un hombre que quiere –, manda a un algo dentro de sí que obedece o del que cree que obedecerá.”

³³ NIETZSCHE, Friedrich. *Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2005. p.23 – af 19.

³⁴ NIETZSCHE, Friedrich. *Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2005. p.40 – af 36.

³⁵ NIETZSCHE, Friedrich. *Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2005. p.24 – af 19.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 225-238
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

quer, ela quer ser obedecida, mas que só uma vontade pode obedecer à que comanda³⁶.”

Por esta mesma via de análise, ainda Nietzsche pensa sobre a ânsia de superioridade, sobre uma vontade de dominação, de vitória. Ademais, esteve sob o olhar atento do filósofo o sentimento de poder, tratado *a priori* como a manifestação de uma vontade em obter mais domínio. “Quer dizer: a vontade de poder manifesta-se como a sensibilidade da força; o elemento diferencial das forças manifesta-se como a sua sensibilidade diferencial³⁷.” Justificando a singularidade existente em cada expressão das forças em relação.

Como vimos, aquilo que nasce da diferença das forças, - a sua qualidade-, é denominado por Nietzsche como Vontade de Poder, pensada agora como o vetor nevrálgico da expressão das forças. E assim como a Vontade de Poder se mostra como sendo a qualidade da força, encontra-se nela mesma uma qualidade, a da afirmação e da negação. Segundo Deleuze, “activo e reactivo designam as qualidades originais da força, mas afirmativo e negativo designam as qualidades primordiais da vontade de poder. Afirmar e negar, apreciar e depreciar exprimem a vontade de poder, como agir e reagir exprimem a força³⁸.” De modo que o emprego das forças fortes corresponde à qualidade da afirmação da Vontade de Poder, e das forças fracas corresponde, por sua vez, à qualidade da negação. Vale lembrar que Vontade de Poder e forças devam ser consideradas inseparáveis o que não dá a elas um carácter de igualdade. Ambas desempenham diferentes papéis, no entanto, com necessidade recíproca. Endossando a idéia de Deleuze, “a força é quem pode, a vontade de poder é, quem quer³⁹.”

Enfim, desde o átomo ao humano, inevitavelmente, há expressões das forças e da Vontade de Poder sempre em conflito. Distinguem-se de modo dinâmico, ora por ser dominante, ora dominado. Nietzsche não faz reservas ao afirmar que o mundo é Vontade de poder, e se o mundo o é, tudo aquilo que faz parte de sua expressão deve ser, também, denominado por Vontade de Poder. Segundo Nietzsche:

Este mundo: uma enormidade de forças, sem começo, sem fim; uma quantidade fixa, férrea de força que não se faz maior nem menor, que não se consome senão que somente se transforma, invariavelmente grande em qualquer totalidade; [...] Este mundo é a vontade de poder – e nada mais! E também vós mesmos são esta vontade de poder – e nada mais!⁴⁰

³⁶ DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução Antônio M. Magalhães. Porto: RÉS, s/d. p.14.

³⁷ DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução Antônio M. Magalhães. Porto: RÉS, s/d. p.96.

³⁸ DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução Antônio M. Magalhães. Porto: RÉS, s/d. p.82.

³⁹ DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução Antônio M. Magalhães. Porto: RÉS, s/d. p.78.

⁴⁰ NIETZSCHE, Friedrich. *Fragmentos Póstumos*. Traducción Germán Meléndez Acuña. Bogotá: Editorial Norma S.A., 1992. p.138 e 140. Cf. texto original: “Este mundo: una enormidad de fuerza, sin comienzo, sin fin;

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 225-238
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

Assim, no pensamento de Friedrich Nietzsche se organiza esta particular perspectiva ontológica sobre as forças bem como a tese acerca da Vontade de Poder que a acompanha. Sem esta reflexão, não seria possível compreender a natureza de mundo como um todo, e nem sequer a de um só homem em particular.

Referências

- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução Antônio M. Magalhães. Porto: RÉ, s/d.
- MARTON, Scarlett. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- _____. *Nietzsche: a transvaloração dos valores*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- MULLER-Lauter, Wolfgang. *A Doutrina da Vontade de Poder em Nietzsche*. Tradução Oswaldo Giacóia Júnior. São Paulo: Annablume, 1997.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Fragmentos Póstumos*. Traducción Germán Meléndez Acuña. Bogotá: Editorial Norma S. A., 1992.
- _____. *Genealogia da Moral*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- _____. *A Gaia Ciência*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. *Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- PASCHOAL, Antonio Edmilson. *A Dinâmica da Vontade de Poder como proposição Moral nos escritos de Nietzsche*. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciência Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob orientação do Prof. Dr. Oswaldo Giacóia Júnior. Campinas (SP), 1999.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação, I^o tomo*. Tradução, apresentação, notas e índices Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

una cantidad fija, férrea de fuerza que no se hace mayor ni menor, que no se consume sino que solo se transforma, invariablemente grande en cuanto totalidad; [...] Este mundo es la voluntad de poder – y nada más! Y también vosotros mismos sois esta voluntad de poder – y nada más!”

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 225-238
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------